



APRESENTAÇÃO

Esse número especial da PROMETEUS, prestes a completar 10 anos, também é uma homenagem ao nosso poeta maior Ferreira Gullar, falecido recentemente. Para isso, apresentamos o poeta na capa em foto de seu exílio em Buenos Aires, em 1974, e nos cabeçalhos dos artigos, um seu poema. A edição abre com um breve comentário de Renato Silva ao artigo *Gravura e Desenho* de Gullar, dos seus tempos de editor do *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil – STJB*. A seguir um artigo de Aldo Dinucci sobre o poeta. A seção de fluxo contínuo apresenta ainda artigo do talentoso jovem Marcos Silva, de Sérgio Hugo Menna, vencedor do prêmio CAPES de melhor tese em filosofia (2012) e dos Zarco. A revista traz ainda o dossiê **Dossiê Programa de Pós-Graduação em Metafísica - Universidade de Brasília**, cuja apresentação segue abaixo.

Feliz 2017 a todos.

Os editores.

DOSSIÊ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM METAFÍSICA - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - APRESENTAÇÃO

Até pouco tempo, era difícil se falar de “Metafísica” sem aquela sensação incômoda de um hóspede indesejável ou da ausência de um ente querido do qual ainda não superamos a perda. Após uma era de esclarecimento, de pesquisa positiva, de análise lógica da linguagem, da morte de Deus e do Homem, qual sentido ainda dar àquela estranha e quase mística investigação sobre o que é o Ser? O projeto para as próximas décadas parecia mais ou menos definido: tratava-se da possibilidade de uma Filosofia sem Metafísica, da condição “pós-metafísica” do humano. Tudo se passou como se, por não mais

falamos dela, a Metafísica simplesmente deixaria de existir. Não foi o caso. Aqui e ali, aqueles que evitavam nomear “você-sabe-quem” passaram a reincorporar em suas análises temas e problemas quase esquecidos ou simplesmente ocultos sob uma parafernália lógico-linguística. Um tal “realismo especulativo” ganhou ares de movimento, com manifestos programáticos e obras canônicas. Numa das mais antigas e prestigiadas instituições acadêmicas, o Collège de France, lavrou-se recentemente uma inédita cátedra de *Métaphysique et Philosophie de la Connaissance*. Seria essa retomada da Metafísica mais um “enfeitiçamento de nosso entendimento pelos meios da linguagem” ou algo mais, algo além?

Nesse cenário, o Programa de Pós-Graduação em Metafísica (PPG μ) se originou do trabalho desenvolvido há anos por diferentes grupos de pesquisa, em vários Departamentos e Programas de Pós-Graduação da Universidade de Brasília, por professores que, embora em sua grande maioria estejam vinculados à área de Filosofia, possuem formação e atuação inter, trans e multidisciplinar. Trata-se de um programa metodologicamente plural, ancorado na “Área de Filosofia” da CAPES, que visa repensar a integração dos saberes para tratar de questões e problemas tradicionais da Metafísica enquanto um fio condutor da História da Filosofia. O surgimento de um tal programa na Universidade de Brasília nada tem de casual. Desde a sua fundação, em 1962, a UnB nasce com o projeto de uma formação ampla dos estudantes pela qual estes frequentariam diferentes áreas nos seus respectivos centros e institutos, para depois seguirem por uma formação específica. No antigo Instituto Central de Ciências Humanas, ancorado nos cursos de Administração, Direito e Economia, havia um Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito (segundo o relato de Roberto A. Salmeron, em *A Universidade interrompida: Brasília 1964-1965*), de modo que a Filosofia surge na UnB já numa conjunção interdisciplinar.

O que aos poucos reuniu em laços de amizade e diálogo professores de orientações filosóficas e científicas distintas foi, sobretudo, pensar a tensa relação entre a Metafísica, as Ciências e a Cultura. Nesse cenário, os objetos e procedimentos de estudo tradicionalmente contemplados nos sistemas são entrelaçados com outros advindos das Ciências Sociais, dos Estudos Literários, das Artes, da Matemática, da Psicologia etc. Essa orientação não se faz de modo

fortuito, mas na própria estrutura da pesquisa. Não se pretende criar, em abstrato, um “lugar entre” as disciplinas, mas, partindo de um determinado campo de estudos, seguir para além deste e assim modificá-lo internamente. Aliás, o trânsito entre disciplinas por vezes é mais sutil, expresso na disposição em abrigar, dentro de uma pesquisa mais “tradicional”, projetos com uma orientação multidisciplinar ou em conduzir temas habitualmente mais circunscritos à Metafísica acadêmica para outras áreas.

O PPG μ iniciou as suas atividades em 2016 e oferece atualmente o Curso de Mestrado Acadêmico organizado em duas linhas de pesquisa. (i) A linha “Origens do Pensamento Ocidental” tem por objeto o estudo dos problemas ontológicos nas origens do pensamento ocidental pela conjunção de temas e métodos interdisciplinares, com ênfase nos saberes teóricos, políticos e culturais, privilegiando-se sobretudo investigações sobre os sentidos do ser em seu desenvolvimento histórico e em suas relações com a cultura, a arte e a política da época clássica. (ii) A linha de “Ontologias Contemporâneas” se propõe o estudo de problemas ontológicos no pensamento contemporâneo também pela conjunção de temas e métodos interdisciplinares, privilegiando-se sobretudo investigações sobre o sentido do ser enquanto tal, explícito ou subjacente, aos saberes cognitivos, políticos e culturais. A estas linhas se entrelaçam vários projetos de pesquisa, os quais agregam professores e alunos em seminários e publicações.

Nesse número temático da *Prometheus*, apresentamos um dossiê com artigos de vários professores do PPG μ . Alguns desses trabalhos foram apresentados e discutidos nos encontros regulares entre professores e discentes do programa, de modo que é possível caracterizá-los como fruto de um esforço conjunto. Além de situarem os debates que hoje se dão no Programa, estes textos apontam algumas direções futuras. Cada um deles remete diretamente a uma dos nossos projetos de pesquisa em vigor, bem como há um entrecruzamento temático e metodológico que os perpassa como um fio condutor. Isso não significa uniformidade, porém uma multiplicidade de pontos de vista que apontam a uma intuição mais ou menos compartilhada. Mais do que escritos de ocasião, são escritos de iniciação.

Inicialmente, Evaldo Sampaio retrança o itinerário sinuoso do que entendemos como Metafísica e tenta mostrar, a partir da peculiar historiografia

filosófica de Pierre Hadot, que, para além de um discurso teórico, uma investigação do suprassensível reencontra a sua pertinência sobretudo como uma maneira de viver. A partir de várias citações a Homero nos fragmentos de Heráclito, Marcus Mota procura retrazar a relação do “obscuro” com a tradição performativa da Grécia antiga (*mousiké*). Gabriele Cornelli, pela conjugação da historiografia filosófica e da filologia, retoma a sétima tese da segunda hipótese do *Parmênides* de Platão à luz do debate ontológico e matemático do quinto século aEN. A hermenêutica e a filologia também conduzem Rodolfo Lopes a um comentário cuidadoso do cap. 2 do livro V da *Metafísica* de Aristóteles, com vistas a tratar do “modelo das quatro causas”, decisivo para a antiga “Física” ou Filosofia da natureza. Loraine Oliveira, num entrecruzamento de historiografia e poética, questiona-se sobre o estatuto dos mitos a partir d’A *República* de Platão. Em “Metafísica e Política”, Miroslav Milovic persegue a ideia de que, enquanto no contexto clássico a Metafísica engendrava uma certa concepção do político, na modernidade é a própria política que constitui um fundo metafísico. A *Psicologia das Visões de Mundo*, de Karl Jaspers, inspira Gerson Brea a um estudo sobre a concepção de “Metafísica” que persiste na psicologia compreensiva do autor alemão. Paulo César Nascimento, pela articulação metodológica da ciência política, discute a relação entre ontologia e instituições na teoria política de Hannah Arendt. Por sua vez, Pedro E. Gontijo, ao retomar criticamente vários autores que rejeitam a sujeição do político ao econômico, busca compreender certas noções metafísicas subjacentes à ação política no Estado. Por fim, Wanderson Flor traça uma possível aproximação às filosofias africanas por meio de uma breve introdução da abordagem da ontologia *ubuntu*, categoria importante de algumas filosofias bantas sobre a humanidade dos humanos.

Não podemos finalizar esta *Apresentação* sem um agradecimento especial a Aldo Dinucci, que veio neste final de ano integrar o corpo docente permanente do PPGμ e que gentilmente decidiu acolher este dossiê na revista que tão habilmente dirige.

Evaldo Sampaio

Gabriele Cornelli

Brasília, 30 de Novembro de 2016